

Refrigerio

A silhouette of a person standing on a cliff with their arms raised in a gesture of triumph or joy. The background is a sunset sky with shades of purple, pink, and orange. The person is standing on a dark, rocky outcrop.

ISSN 2182-617X ANO 33
Número 176 - ABR/JUN 2020

10

**Evangelismo
Intercultural**

12

**Acampamentos
2020**

Bem-aventuranças

**Feliz
aquele**

Editorial

São estranhos estes tempos em que vivemos. Jamais pensámos antes que um vírus chamado covid-19 (algo que nem conseguimos ver a olho nú) condicionasse tão dramaticamente a nossa vida familiar, profissional, social e espiritual. Estes têm sido meses de isolamento, paciência e adaptação na forma de vivermos e comunicarmos. Parece difícil sermos igreja nestas condições. Este é um novo desafio que juntamos a tantos outros que se nos depararam no caminho. Não conseguimos atingir razoavelmente todo o panorama do que está em causa e questionamos, muitas vezes, qual o propósito...mas isso não anula o desafio – ele continua e temos que enfrentá-lo.

No início do Sermão do Monte (Mateus 5), o Senhor Jesus revelou a todos aqueles que o queriam seguir o desafio inerente a fazer parte do reino. As bem-aventuranças foram para os primeiros seguidores de Jesus o maior desafio. Quantas questões não terão surgido nas suas mentes ao ouvir aquelas declarações de Jesus! A felicidade residia, então, em ser humilde, em chorar, ser manso, justo, misericordioso, puro, pacífico e perseguido? Que vantagens e benefícios traria isso? Isso contrariava tudo aquilo que tinham ouvido até então. Do ponto de vista humano, não seria possível chegar muito longe agindo de acordo com o que Jesus ensinava. Mas foi exactamente a compreensão e a vivência das bem-aventuranças na vida dos discípulos que revelou a razão do seu viver e que marcou indelevelmente a Igreja do Novo Testamento.

E será que as bem-aventuranças fazem sentido hoje, na nossa sociedade pós-moderna, sem valores e à deriva moral, ética e espiritualmente? As bem-aventuranças continuam a ser um dos maiores desafios para os filhos de Deus, quer na sua compreensão, quer (e principalmente) na sua vivência. Os dois grandes mandamentos do Senhor (amar a Deus de todo o coração, alma e entendimento e amar o próximo como a si mesmo) só poderão cumprir-se na nossa vida quando os vivermos pelo prisma das bem-aventuranças. Nessa altura, então, seremos considerados mais do que felizes.

Esta edição do Refrigério é apenas digital e para consulta online. A pandemia que enfrentamos condiciona todo o processo de publicação e distribuição da revista em formato papel. Esperamos e oramos para que a próxima edição seja normalizada.

Duarte Casmarrinha

Índice

- 03** Bem-aventuranças
Mateus 5:3
- 04** Bem-aventuranças
Mateus 5:4
- 06** Bem-aventuranças
Mateus 5:5
- 08** Bem-aventurança
Mateus 5:6
- 10** Evangelismo
Intercultural
- 12** Acampamentos 2020

Ficha técnica

Ano 33 Número 176 ABR/JUN 2020 ISSN2182-617X | Periódico trimestral visando a informação e edificação do povo de Deus

Propriedade Comunhão de Igrejas de Irmãos em Portugal CIIP | Internet: www.refrigerio.ciip.pt | e-mail: refrigerio@ciip.pt

As igrejas afiliadas na CIIP caracterizam-se por: serem igrejas locais autónomas, com uma convicção e tradição de liderança plural na comunidade, comunhão aberta sem distinção de origens denominacionais, ênfase na liberdade do Espírito Santo no culto e serviço, expectativa da segunda vinda iminente do Senhor Jesus em glória, e no exercício livre do ministério através dos dons e talentos em vez da profissionalização de cargos eclesiais.

Editor: Duarte Casmarrinha | Equipa Editorial: João Poças, Joel Costa, Joel Resende, Daniela Mateus, Priscila Lopo e João Silva | Design Gráfico e Paginação: João Silva | Revisão e Edição de Textos: Equipa Editorial | Endereço Jornal Refrigério: C.C. Primavera - Av. Calouste Gulbenkian, Lote 7 - Loja 26 - 3000-092 Coimbra - Portugal | E-mail: refrigerio@ciip.pt | Versão digital: www.refrigerio.ciip.pt | Depósito legal: 21.402/88 | ISSN: 2182-617X impresso / 2182-6188 em linha | Tiragem: Versão digital sem exemplares impressos | Sustentado através de ofertas voluntárias.

Finanças: Agradecemos a todos os irmãos e igrejas que têm ajudado no sustento deste ministério. Envie a sua oferta para CIIP. Os cheques devem ser passados à ordem de CIIP. NIB: 0035 2145 0001 7614 9309 2 com a especificação do destino da oferta: para "Revista Refrigério"

©Copyrights - Autorizamos e incentivamos a divulgação, no todo ou em parte, dos estudos e artigos publicados, desde que a fonte seja citada. Os artigos assinados são da responsabilidade individual. Os artigos que não correspondam à linha doutrinária e informativa deste jornal, não serão publicados. À Comissão de Publicações do Dep. de Comunicações da CIIP assiste o direito de rejeitar publicidade que colida com as atividades das Assembleias de Irmãos.

Coord. Dep. De Comunicação: Jorge Oliveira | Cada número do Refrigério tem um custo, apoie este ministério com a sua oferta

"Bem-Aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus"

Dossier Bem-aventuranças

Mateus 5:3



Joel Silva

Ancião na Igreja em Cacia

O termo "bem-aventurado" significa "feliz", e é a descrição da condição íntima do crente com Cristo. O salmo 1 descreve um quadro no VT do homem bem-aventurado que manifesta sua natureza pelas suas atitudes. As Bem-Aventuranças não mostram ao homem como ser salvo, mas descrevem o "Fruto do Espírito" (Gálatas 5,22 ; Mateus 7.20).

"Bem-Aventurados os pobres de espírito... (versão ACF) referem-se aos **...humildes de espírito...** (versão ARA) pois na verdade é disso que se trata: Humildade. Jesus Cristo não se refere a pessoas menos capacitadas do ponto de vista intelectual ou cultural mas a pessoas humildes. ELE muitas vezes debateu e contrariou os religiosos da época orgulhosos e arrogantes, manifestando o Seu exemplo Supremo de humildade, ensinando os seus discípulos, lavando-lhes os pés (João 13), e culminando no Calvário a Obra redentora da humanidade (Filipenses 2,5-8).

É impossível o homem ser salvo sem a humildade em reconhecer que nada pode fazer em prol da salvação, senão receber e confiar na Obra que Jesus realizou no Calvário, daí o final do verso 3. Vivemos numa sociedade escrava de si mesma, egoísta, materialista, orgulhosa, e por isso triste, indiferente e apavorada. Perante esta praga do COVID.19 que está a assolar o nosso país e o mundo, fruto da ira de Deus sobre o pecado cada vez mais avassalador do ser humano, iremos assistir a vários grupos de pessoas:

* Os indiferentes e irresponsáveis.

* Aqueles que vão culpar Deus pelo acontecido.

* Aqueles que vão refletir e reconhecer a impotência e pequenez da criatura perante O Criador.

É sobretudo a estes amados irmãos, se bem que a oportunidade é para todos, que precisamos urgentemente de estar atentos e anunciar a Cristo como Senhor e Salvador das suas vidas.

Por último, deixo um desafio a todos nós como igreja do Senhor:

Deixemos o orgulho, a prepotência e pensarmos que somos "os santarrões" das nossas comunidades, que só potenciam divisões, guerras, transferências de irmãos para outras igrejas, discussões fúteis pessoais e nas redes sociais com o que é secundário e deixando o essencial.

Pensem que não somos detentores da verdade, mas portadores da Verdade que é Cristo.

Sejamos humildes (não ingénuos) Tiago 4.6; 1 Pedro 5,5; Provérbios 11.2. O ódio gera ódio, perdão gera perdão, amor gera amor. É o tempo e a oportunidade de evidenciar esta "felicidade" que O nosso Amado Senhor nos ensinou. É o tempo de orar, jejuar e clamar a Deus (2 Crónicas 7.14) para que o mundo veja Cristo refletido em cada um de nós.

Demos graças a Deus por esta pandemia (1 Tessalonicenses. 5.18) cientes que o nosso Deus está no controlo de todas as coisas (Salmo 37.5) e façamos a diferença porque somos do Senhor, rumo ao Lar Celestial que nos espera (2 Coríntios. 5.1).

Dossier Bem-aventuranças

Mateus 5:4



Paulo Pina Leite

Obreiro e Ancião na Igreja
na Foz do Douro

Esta é a segunda bem-aventurança inserida no célebre sermão do Senhor Jesus, chamado sermão do Monte, ou da Montanha. Alguém disse que se se perdesse toda a Bíblia e ficássemos apenas com estas 3 ou 4 páginas, ficávamos com todo o essencial para uma vivência ética cristã de agrado do Pai. Num mundo pós-moderno, fortemente humanista e hedonista, certamente que “chorar” não se parece nada com um padrão de felicidade. No entanto, o chorar é o primeiro ato visível, ou melhor dito, audível, de todo o ser humano quando entra neste mundo, e é, especialmente para a mãe, uma profunda e indiscriminável alegria, escutar o primeiro choro do seu bebé.

Mas como podemos entender alguém ser mais do que feliz, chorando? John Stott disse: “parece que Jesus está a dizer algo do tipo “felizes os infelizes”, mas conclui” trata-se de uma tristeza que pode produzir felicidade, pois é um choro que traz o consolo de Deus”. Este choro não é aquele choro profissionalizado das carpideiras do tempo do Senhor Jesus. Esse não tinha qualquer sentido profundo, mas era apenas teatral. Também não é tão pouco o choro dum birra, dum criança ou adulto que ficou sem algo que lhe enchia o ego. Certamente nos tempos difíceis que atravessamos, muitos não contiveram as lágrimas perante a falência das suas empresas, a perda dos seus empregos, a anulação de todos

os seus planos no futuro imediato. Mas também não é deste choro que o texto fala. Nem ainda dum choro de remorso, tipo Judas, que sabe que os seus atos trouxeram prejuízos para si mesmo e talvez para outros.

Este é um chorar de arrependimento. É, na sequência da primeira bem-aventurança, o chorar de alguém que reconhece a sua fragilidade, os seus erros e fracassos, e se arrepende profundamente até às lágrimas. No dia 18-10-1740, o famoso missionário americano, entre os índios, David Brainerd (aconselho a procurarem no Google mais informações sobre ele, e há muito em inglês mas também espanhol e português) escreveu os seguintes dizeres no seu diário: “Nas minhas devoções matinais, a minha alma desfez-se em lágrimas, e chorou amargamente por causa da minha extrema maldade e vileza.” O apóstolo Paulo declarou em Romanos 7:24 – “Miserável homem que eu sou!...”. O rei David no Salmo 51:4 e 7 diz: “Contra Ti, contra Ti somente pequei...purifica-me com hísopo...e ficarei mais alvo do que a neve.” Neemias, no capítulo 1, chorou por vários dias, e no verso 6 diz: “...faço confissão pelos pecados dos filhos de Israel, que pecámos contra ti; também eu e a casa de meu pai pecámos”. E os exemplos não terminariam...e nós? Olhando para estes exemplos de homens de Deus, o que somos nós? Confesso que me sinto esmagado por

“Bem-aventurados os que choram porque serão consolados”

todos estes homens que ousadamente choraram os seus pecados. No entanto, quanto é que temos chorado pelos nossos pecados e pecados dos outros? Por vezes choramos por pequenas tragédias que vão acontecendo, ou até mesmo por grandes pandemias que nos atravessam, mas será que temos um coração quebrantado para chorar profundamente pelo pecado da humanidade? **É deste choro que o Senhor Jesus nos está a falar.** É este **chorar de profundo arrependimento e contrição** que precisamos de chorar, pois seremos consolados. É o choro da mulher pecadora que se chegou aos pés de Jesus, chorando e lamentando o seu pecado, mas também com humildade, fé e adoração pois usou um unguento muito valioso (Lucas 7:37-38). Como resultado, e apesar de todas as críticas, recebeu a consolação de ouvir o seu Mestre lhe dizer: “A tua fé te salvou; vai em paz” (v.50). E este é talvez um dos grandes problemas da Igreja actual. Falar de pecado é desagradável e não se coaduna com os padrões de alegria e felicidade que os tempos modernos requerem. É mais fácil passar ao de leve sobre o assunto e viver entretido com um falso cristianismo de bancada, mas que é apenas aparente e inconsequente. Os “bem-aventurados” são na verdade aqueles que profundamente reconhecem que nada são, que nada podem, que são apenas miseráveis pecadores. São estes que são consolados, que são abençoados por um Deus que olha para os

corações e não para as aparências. Só quando reconhecemos a nulidade do nosso ser, estamos aptos a receber esta consolação divina que só o Senhor pode dar. (Isaías 51:12). Esse foi um dos propósitos do Senhor Jesus quando veio habitar entre os homens (Isaías 61:2). Os tempos que temos vivido têm-nos mostrado que, ainda talvez mais do que nos tempos da Igreja primitiva, em que houve tremenda perseguição, a Palavra de Deus é a verdade e se cumpre em todo o tempo, pois o nosso conforto, consolo e segurança só pode ser encontrada em Deus. Paulo em 2 Coríntios 1:3-7 usa o termo “consolar” ou “consolação” cerca de 10 vezes, afirmando que é só o Deus de toda a consolação que nos pode consolar mesmo nas mais duras tribulações. O salmista no bem conhecido Salmo 126 diz-nos que os que semeiam em lágrimas segarão com alegria. Como filhos de Deus, amados e desejados por Ele, temos a certeza que, quando o nosso choro e humildade são sinceros, eles reverter-se-ão em tempos de consolação gloriosa. Um dia o Senhor limpará de nós toda a lágrima para sempre (Apocalipse 21:4). Esta é a nossa gloriosa esperança! Não nos deixemos pois levar por ditos do tipo “um homem não chora” ou que é feio chorar, mas que possamos chegar aos pés da Cruz, com reconhecimento do nosso pecado, num choro profundo e espiritual, sabendo que ELE nos irá consolar, Aleluia!

Dossier Bem-aventuranças

Mateus 5:5

A terceira bem-aventurança descreve aquela que deve ser a qualidade espiritual de todo o cristão (idealmente). Sim, Jesus estava a ensinar os seus discípulos quando falou estas palavras (Mateus 5:1-2). Por isso, é para o discípulo de Cristo que Ele fala hoje também, aquele que já nasceu de novo, aquele que usufrui da aceitação de Deus por reconhecer que nada tem para Lhe dar para sua salvação (Mateus 5:3) e o mesmo que chora pela consciência das implicações do pecado na sua vida e no mundo (Mateus 5:4). De facto, as bem-aventuranças fazem parte de um padrão que o Sermão do Monte nos apresenta apenas possível para aqueles que já usufruem da graça e do dom de Deus. Ou seja, a busca e aproximação a este padrão é um sinal externo daqueles que vivem e buscam a justiça do Reino de Deus: não eu, mas Cristo em mim (Gálatas 2:20).

Todos, sim. Pois, ao contrário dos dons espirituais que, na distribuição dos diferentes serviços e ministérios pelos membros do corpo de Cristo, se complementam como um só, as bem-aventuranças descrevem o alto padrão que todos os membros do Reino devem ansiar perseguir. É o mesmo Espírito (Gálatas 5:23), e apenas Ele, que produz todas estas características em todos os discípulos que têm a mesma responsabilidade de as buscar.

Chegados à terceira bem-aventurança, a mansidão, percebemos a exigência desta qualidade. Manso é aquele que é gentil, humilde, brando, submisso, suave, que exerce autocontrolo. É, portanto, a característica daquele que, tendo uma visão clara de quem é perante Deus, demonstra, pacientemente, humildade, sensibilidade e gentileza no relacionamento com os outros. Mesmo quando os outros não o merecem.

“Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra”



Diana Brás da Costa

Assessora do GBU
e membro da Igreja
na Rocha Nova

Mansidão é então uma das características de Jesus, e uma que já tinha sido profetizada como sendo característica do Rei prometido de Deus. Vemos isso em Zacarias 9:9, aí a palavra é traduzida por pobre ou humilde, mas cujas palavras em hebraico têm a mesma raiz que a palavra “Manso”. São características que se interligam e relacionam, e que Jesus veio cumprir totalmente. Em Mateus 11:29 ele descreve-se como “manso e humilde de coração” prometendo descanso à alma daquele que Nele deita a sua bagagem de culpa e pecado, que o rigor da lei impõe, e recebe o fardo suave e leve da graça que Deus oferece por intermédio de Jesus. A qualidade que Jesus elogia neste versículo, é uma que Ele demonstrou na perfeição enquanto viveu as mesmas aflições terrenas que nós. Este é Jesus, o manso e humilde, que demonstrou perfeita e inigualável mansidão ao permanecer em silêncio, sem necessidade de se autojustificar, em frente aos seus acusadores injustos.

É esta mansidão que somos chamados a perseguir porque Jesus foi o primeiro manso e humilde. Foi Paulo que, com a autoridade do manso e benigno Jesus, corrige os Coríntios (2 Coríntios 10:1) e, na prisão, pedia aos cristãos de Éfeso que andassem em mansidão e humildade, e que, com essas características, se tratassem uns aos outros para preservarem a unidade do corpo (Efésios 4:2). Característica também essencial para a disciplina (2 Timóteo 2:25), como ensinou a Timóteo, com o objetivo de restauração à comunhão. Também Pedro lembra a mansidão como característica essencial no trato com aqueles que nos pedem a razão da nossa fé, mesmo os que nos tratam com injustiça e nos difamam (2 Pedro 3:14-16).

São estas as pessoas mansas que “herdarão a terra”. E isto vai contra a cultura, não é verdade? Os que se deixam ficar, os que dão a

outra face, os que tratam com bem àqueles que lhes fazem mal, os que são vistos como fracos não costumam ser os que se riem por último na nossa sociedade. Por isso este também não costuma ser um estatuto que procuramos quando respondemos à letra e com a mesma moeda às afrontas ao nosso ego, mesmo com os nossos irmãos na fé. Mas é este o padrão do Reino e são estas as pessoas do Reino. O Reino de Deus não segue a moda, o Reino de Deus mostra uma forma muito melhor de viver: viver debaixo da promessa da herança da terra.

Esta promessa que Jesus faz aos mansos não é nova, é uma renovação do que o salmista Davi já tinha encontrado no Salmo 37 “Mas os mansos herdarão a terra e se deleitarão na abundância de paz”. A conjunção adversativa “mas” é usada neste salmo para contrastar o destino daqueles que confiam no Senhor, mesmo nos momentos da visível prosperidade dos perversos, e o destino de perdição destes. A temporária abundância dos perversos que antecede a eterna perdição contrasta com a eterna fartura dos mansos que sucede os temporários dias de injustiça.

A promessa da herança dos novos céus e nova terra, “nos quais habita a justiça” (2 Pedro 3:13), é a promessa para os mansos que perseveram no meio da injustiça. Essa é a promessa que não os envergonha nos dias do mal e os alimenta nos dias da fome (Salmos 37:19). É a beleza de pertencer ao Reino de Deus que já chegou, mas ainda não. O Reino de Deus que é para o futuro, mas que é também uma realidade presente pois, em Cristo, tudo possuímos (2 Coríntios 6:10). Em Cristo alcançamos misericórdia e podemos tornar-nos Filhos de Deus agora. As pessoas do Reino têm, no Rei Jesus, vida em abundância, uma vida cheia de razões para dar graças e louvar o Rei e que procura, com a ajuda do Espírito, viver seguindo o seu padrão - o padrão contracultural do cristianismo.

Dossier Bem-aventuranças

Mateus 5:6

(1) O que significa justiça?

“...Os que têm fome e sede de justiça” – Nos dicionários do grego, Strong define Justiça (δικαιοσύνη *dikaosune*), como o estado daquele que é como deve ser, da condição aceitável para Deus, num sentido mais restrito, a virtude que dá a cada um o que lhe é devido. E Vine, como o carácter ou qualidade de ser-se reto ou justo. Paul Tillich (2004) descreve-a em níveis: 1) de reivindicação intrínseca do ser, 2) de proporcionalidade distributiva, atributiva e retribuidora, 3) de transformação criativa – projetada na justificação obtida em Cristo.

Jesus instruía os seus discípulos, sobre os estatutos a serem observados pelos súbditos do Reino a ser implantado. Não se tratando “aquí [a justiça] de redenção, mas sim do carácter e da natureza do reino, e de quem nele poderia entrar” (Darby, 1985, p.54). Assim, promulgou as leis do reino, que serão “o código de comportamento dos seguidores de Cristo durante a tribulação e durante Seu reinado na terra (...) que também são ensinamentos para todos os que, em qualquer época, reconhecem Jesus Cristo como Rei” (MacDonald, 1993, p.21). Logo nós, como parte integrante do Seu Reino Espiritual no presente, podemos reivindicar a Sua justiça em favor das nossas causas, e, principalmente a obtenção da “Justiça” de Cristo pela fé, sendo por ela caracterizados. Jonh Stott (1978) advogava, existir pelo menos três aspectos da “Justiça” o legal, o moral e o social:

A Justiça legal é a justificação, um relacionamento certo com Deus (...) a Justiça moral é aquela justiça de carácter e de conduta que agrada a Deus (...) a Justiça social (...) refere-se à busca pela libertação do homem da opressão, junto com a promoção dos direitos civis, da justiça nos tribunais, da integridade nos negócios e da honra no lar e nos relacionamentos familiares (Stott, 1978, p.104).

Contudo, para que incorporemos a Justiça moral e social, como distintivos da nossa personalidade e conduta, temos de passar pela “Justiça Legal” (justificação ou novo

nascimento). Através da qual Jesus nos imputa a Sua justiça, tornando-nos justos Nele que é – o Justo (Filipenses 3.9; Atos 3.14; 1Coríntio 1.30). Isto, devido à “justiça ou retidão humana”, condição moral e espiritual da inclinação do homem para praticar o bem, o reto e o justo ter-se perdido pela entrada do pecado no mundo (Williams, 2000), tornando-se a nossa justiça aos olhos divinos como trapos de imundícia e inclinação para o mal (Romanos 5.12; Isaías 64.6 Eclesiastes 7.20, 29).

J. F. Strombeck escreveu: “a palavra do texto original, traduzida por **justificar**, é também traduzida por **justiça**. A justificação deve, portanto, ser relacionada com a justiça, e assim é. Justificação é o acto. Justiça o resultado” (Strombeck, p.59). Portanto justiça em nós, deve-se ao ato gracioso de Deus obtida por meio da fé (Efésio 1.7).

Então, a pergunta a ser feita é, já sou um justo? – Se sim, tenho prazer na justiça distributiva, atributiva, retribuidora, moral e social que busca o bem dos outros (Filipenses 2.3-4)? – Vivo na justiça transformadora de Cristo, onde o verdadeiro prazer, passa por estar com e ser influenciado pelos justos, meditar na lei do Senhor, dia e noite (Salmo 1), sendo Seus mandamentos Justiça (Salmo 119.172)? – Tenho o testemunho do Espírito de que sou filho de Deus (Romanos 8.14)? Creio pela Palavra que tenho a vida eterna (1 João 5.13)? – Poderemos parafrasear MacNair (1987), e dizer: agora apreciamos os valores verdadeiros; ambicionamos não prazeres, riquezas, e comodidades, mas justiça na nossa própria vida e em redor de nós; o que somos vale mais do que fazemos, as nossas ações são reflexo do que somos em Cristo?

(2) O valor da Justiça

A expressão figurada “Os que têm fome e sede...”, apela para que o desejo da busca da justiça para a conduta cristã, seja um valor prioritário (Mateus 6.33), de forma intensa e constante, à luz de Isaías 55.1-2.

Devemos estimar a nossa posição de “justos”



Jorge Adrião

Obreiro e Ancião na Igreja nas Olarias

em Cristo, vivendo de forma “justa ou reta”, durante os dias da nossa peregrinação (1João 3.2-3). Sabendo que: “Àquele que não conheceu pecado, (Deus) o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus.” (2Coríntios 5:21); e que “é Deus quem nos justifica (Romanos 8.33). “Em síntese a justificação é, a imputação da justiça de Cristo àquele que crê n’Ele. Equivale a revesti-lo dos méritos de Cristo” (Strombeck, p.67). Valor maior não há! Pois, o Senhor já o justificou e cobriu com o manto da Sua Justiça (Isaías 61.10).

(3) A Proporcionalidade da Justiça

A promessa é declarada “...**Porque eles serão fartos**”. “Justo é o SENHOR em todos os seus caminhos e santo em todas as suas obras” (Salmo 145:17). Fartar-nos-á da retidão, pelos méritos de Cristo, através da lei da liberdade e do amor (Tiago 2.8,12), desvinculando-nos da falsa justiça meritória da observância da lei (Romanos 9.30-10.4; Romanos 3.20; Galátas 2.16). O contexto da perícopes das bem-aventuranças, é claro sobre o que é a justiça: o versículo 21 começa com não matar e o 47 termina com saudar em amor. Na prática da justiça seremos aperfeiçoados (v. 48).

A justiça é proporcional ao nosso apego e busca, como um “paradoxo das Escrituras que o único meio para continuar a receber a justiça é o de sentir falta dela” (Boyer, p.298), nas palavras de Jesus: “ter fome e sede de Justiça”. Quem não come ou bebe, é porque não gosta, está doente, ou se determinou a não se saciar e mitigar a sede.

Estamos apegados à justiça (aos padrões de conduta cristã)?! – Evidenciamos a justiça de Deus, neste mundo tão tenebroso, carente da

manifestação dos filhos de Deus (Romanos 8.19)?! – Confrontamos as nossas atitudes, relacionamentos, vida laboral, social e de igreja com o espelho que é a Palavra de Deus?! – Falamos sobre o que vemos ao espelho com Deus, e deixamo-Lo apontar-nos caminhos de mudança e aperfeiçoamento? – Se sim! Então somos felicíssimos – bem-aventurados! Evidência que amamos, e guardamos os seus estatutos no nosso coração (Salmo 119.105).

O exemplo dos heróis da fé (Hebreus 11), e de servos nossos contemporâneos, estimulam-nos a abraçarmos a justiça divina. Quando adolescente, ouvi um idoso a testemunhar dum certo pioneiro do evangelho (já na glória): Nunca vi aquele servo de Deus, irado a murmurar ou a ser maldizente, mas vi-o a chorar... “devido às injustiças acolhidas” – os justos podem chorar, mas não devem perder a sua conduta justa e pia (Tito 2.12).

Conclusão

“Ainda que todos os desejos de graça não sejam graça, contudo, um desejo como este (de justiça) é um desejo daqueles que são criados por Deus, e Ele não abandonará a obra de Suas mãos (Henry, 2002, p.751). Os que buscam a justiça de Cristo para a sua conduta de vida, recebem-na e na medida que a praticam, são felizes, logo desejam de forma cíclica buscar, receber e viver a justiça que há em Deus. Que esta seja a nossa experiência! Pois, a vivência das beatitudes – conduz os salvos a um apogeu de alegria e equilíbrio biopsicossocial e espiritual sem igual!

À semelhança de Israel, **precisamos invocar ao Senhor nos nossos dias, como: O SENHOR, Justiça Nossa** (Jeremias 23.6b).

“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos”

Evangelismo Intercultural

Antioquia da Pisídia

Parte 2

Portanto, gostaria de considerar algumas dificuldades enfrentadas pelos missionários que vão viver com outro povo e pregar-lhe o Evangelho. Existem barreiras no evangelismo trans-cultural? Se existem quais são e como lidar com elas? A verdade é que existem barreiras e algumas delas são difíceis de serem transpostas, outras nem tanto. Vejamos:

O Choque Cultural

O choque cultural é o desequilíbrio emocional sofrido por uma pessoa durante o processo de adaptação a um novo meio ambiente cultural.

Um dos primeiros choques que uma pessoa experimenta quando sai de sua terra natal são as diferenças entre o seu povo e o povo para onde foi. A língua é incompreensível, as roupas são diferentes, os alimentos são muito diferentes e suas crenças são estranhas. A sua cosmovisão, ou seja, a maneira de olhar o mundo e o universo é outra e os seus valores muito diferentes e até mesmo incompreensíveis. Como é que estas diferenças afetam a transmissão do Evangelho e implantação de igrejas noutras sociedades? Vejamos algumas delas:

A cultura “é um conjunto integrado de crenças, de valores, de costumes, de comportamento, de idéias e de instituições que expressam as crenças, os valores e os costumes que unem a sociedade e lhe proporcionam um sentido de identidade, de dignidade, de segurança e de continuidade” (Rinaldo de Mattos).

A cultura de um povo pode ser comparada a uma cebola. Primeiro você vê o exterior, depois as instituições, valores e cosmovisão. Somente quando compreendermos a sua cosmovisão é que passaremos a compreendê-la totalmente.

1. A Língua

Conseguir comunicar é essencial para uma transmissão compreensível da Palavra de Deus. Então o missionário terá que aprender a língua do povo para o qual foi enviado. Esta aprendizagem pode ser difícil e frustrante, mas o esforço será compensado quando ele conseguir pregar de forma clara ao povo e quando ele perceber que está sendo entendido. Esta nova realidade pode produzir uma sensação de desorientação e desilusão.

Paulo e Barnabé não enfrentaram o problema da língua devido ao facto de que em praticamente todo o Império Romano as pessoas entendiam o grego que era uma língua também falada por Paulo (cf. Atos 21:37). Por isso ele conseguiu pregar às pessoas de Listra que falavam o Licaonico (cf. Atos 14:9), língua

esta desconhecida do apóstolo. Apesar disso, eles, com toda certeza enfrentaram problemas culturais.

2. A Comida

Pode parecer que não, mas a questão da comida é algo muito complicado para algumas pessoas. Adaptar-se a uma alimentação diferente daquela com a qual fomos alimentados desde crianças é uma séria barreira para a maioria das pessoas. Quanto mais primitiva a sociedade para a qual o missionário for, maior a possibilidade de haver problemas nesta área. Há povos nos quais as suas mais deliciosas iguarias são repugnantes para nós. Há outros povos com comidas mais fáceis de nos adaptarmos, mas, sem dúvidas esta é uma barreira a ser vencida pelo missionário.

3. Os Costumes

As diferenças de costumes entre os povos são bem variadas. Vão desde a simples forma de se cumprimentarem até outros padrões sociais mais complexos.

A maioria dos ocidentais cumprimenta-se apertando as mãos (no Brasil, além do aperto de mãos você receberá leves toques no ombro ou nas costas). Os japoneses inclinam-se para frente e inclinam a cabeça. As pessoas da Índia juntam as mãos elevando-as até a testa com um leve inclinar de cabeça. Os homens argentinos cumprimentam-se com um beijo no rosto. Uma forma bem estranha é a dos Sirianos na América do Sul - os homens cospem no peito uns dos outros quando se cumprimentam. É estranho para nós, mas perfeitamente aceitável naquela cultura.

No Ocidente dormimos em camas com colchões de modo a afastar-nos do chão. Isto porque o julgamos sujo e nem mesmo dentro de casa ficamos descalços. Na cultura japonesa as pessoas dormem em esteiras no chão e tiram os sapatos ao entrar em casa. Se entramos nas suas casas de sapatos seria como se alguém andasse calçado sobre o sofá da nossa casa.

4. Roupas

Em alguns países as pessoas usam roupas de forma a cobrir a maior parte do seu corpo, noutros elas usam roupas mais curtas e há aqueles povos que não usam praticamente nada e mesmo assim sentem que estão vestidos decentemente. No mundo do Novo Testamento também havia estas diferenças. Imagino que para os Judeus era “chocante” ver os romanos com aquelas saias curtas e o rosto sem barba.



Jabesmar Guimarães

Obreiro e ancião da Igreja
Evangélica de São Torquato
(Vitória, ES, Brasil)

No Brasil não é decente uma mulher deixar os seios descobertos em público. Contudo, se ela tiver um bebê que estiver com fome, é perfeitamente aceitável ela tirar um dos seios em público e amamentar o seu bebê. Isto é culturalmente aceite como algo normal.

Notamos que até mesmo o conceito humano de decência varia de um povo para o outro. Um indígena da Tribo Yanomami repreendeu severamente um amigo meu que trabalhava na sua aldeia por ter tirado a bermuda e a camisa e se ter atirado ao rio. Aquele era o dia em que os homens da aldeia, somente os homens, iam ao rio tomar banho. Ele chamou-o de despudorado! Acontece que a roupa de um yanomami é apenas um fio de fibra vegetal em volta da cintura amarrado à ponta do seu órgão genital. Aos nossos olhos não faz sentido ele, que anda completamente nu, ter repreendido o branco que se despiu para tomar banho.

Acontece que eles têm todo um ritual para entrar na água. Eles entram até a água atingir as suas cinturas e somente depois disso é que tiram a sua “roupa”. Não é decente tirar a roupa na beira do rio.

Estes são apenas alguns exemplos que nos ajudam a entender as diferenças culturais de um povo para o outro. Talvez seja por isso que Paulo escreveu:

“Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei. Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns. Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar cooperador com ele” (1 Coríntios 9:20-23).

Estou certo que Paulo passou por muitas situações difíceis no seu trato com outras culturas. Isto é chamado de contextualização. Não significa que Paulo adotou os seus maus costumes e sim que nos aspectos em que a cultura era neutra ou até mesmo positiva ele procurou se adaptar. Talvez seja por isso que tenha tido um ministério tão frutífero.

Entre os homens do passado que entenderam e praticaram esta verdade podemos citar Hudson Taylor. Ele foi para a China e começou por se vestir como os chineses e a viver entre eles. Não necessitamos falar do resultado do seu trabalho missionário, pois é por demais conhecido como ele impactou

muitas vidas naquele país.

Gostaria de encerrar fazendo algumas considerações que julgo pertinentes no trabalho de Paulo e Barnabé em Antioquia da Pisídia. Podemos ver que o modo de actuar nesta cidade tornou-se Padrão da estratégia evangelística de Paulo. Senão vejamos: **Primeiro**, o local da pregação inicial era a sinagoga judaica, este era o ponto de contacto para iniciar novas igrejas. Apenas nas cidades onde esta não existia é que Paulo usava outros pontos de contacto para introduzir o evangelho. **Segundo**, quando rejeitado pelos líderes da sinagoga ele saía com o grupo de convertidos e passava a instruí-los na nova fé. **Terceiro**, depois de um determinado tempo, ele saía da cidade deixando atrás de si uma igreja estabelecida. Como já foi dito, ele saía por entender que o tempo ali fora suficiente ou por ser forçado a partir, por circunstâncias para além do seu controle. **Quarto**, no regresso desta viagem ele estabeleceu liderança local em todas as quatro igrejas (cf. Atos 14:23). Em termos gerais este foi o procedimento de Paulo nas suas viagens.

Ainda proponho que observemos algumas metas baseadas no trabalho de Paulo:

Devemos objetivar a pregação do Evangelho a todos no mundo de forma compreensiva e persuasiva tendo como alvo:

- a) a salvação de pecadores;
 - b) plantação de igrejas – (“eklésia” - um grupo chamado para fora);
 - c) discipular através do ensino da Bíblia (às vezes é necessário alfabetizar);
 - d) formar liderança autóctone;
 - e) sair do campo missionário, deixando tudo ao cuidado do Espírito Santo que protegerá e amadurecerá os crentes e as igrejas.
- “A meta do evangelismo e de todo o esforço missionário é fazer cristãos responsáveis e reprodutivos que, por sua vez, formem congregações responsáveis e reprodutivas” (Vergil Gerber).

A prioridade de Paulo era pregar onde Cristo ainda não tinha sido anunciado. Ele escreveu: “esforçando-me, deste modo, por pregar o evangelho, não onde Cristo já fora anunciado, para não edificar sobre fundamento alheio; antes, como está escrito: Hão de vê-lo aqueles que não tiveram notícia dele, e compreendê-lo os que nada tinham ouvido a seu respeito” (Romanos 15:20,21). Que esta também seja a prioridade de cada igreja local.

Que o Deus Eterno nos abençoe e nos encha de coragem e disposição para que nos lancemos na árdua tarefa de pregar o Evangelho entre todos os povos, em especial aqueles que nunca ouviram falar de Jesus. Amém!

Acampamentos 2020

Palhal 2020

12 de Julho a 22 de Agosto

19 A 25 DE JULHO Segundo Retiro 10 A 13 ANOS	02 A 08 DE AGOSTO Quarto Retiro 15 A 18 ANOS	16 A 22 DE AGOSTO Sexto Retiro FAMILIAR
12 A 18 DE JULHO Primeiro Retiro 6 A 9 ANOS	26 DE JULHO A 01 DE AGOSTO Terceiro Retiro 14 A 16 ANOS	09 A 15 DE AGOSTO Quinto Retiro +19 ANOS

Inscrições online:
www.uniaobiblica.com

QUERES SER UM CAMPEÃO?
VEN AOS CAMPOS DA U.B. E APRENDE COMO SER UM CAMPEÃO EM CRISTO!

Carrascal	Data	Preço
5 a 8 anos	11 - 18 Julho	105€
9 a 11 anos	18 - 25 Julho	105€
12 a 14 anos	25 Julho - 1 Agosto	110€
15 a 18 anos	1 - 8 Agosto	110€
Familiar	23 - 27 Agosto	80€/70
Temático +18 anos	30 Agosto - 4 Setembro	85€

Qtas. Norte	Data	Preço
5 a 8 anos	18 - 25 Julho	105€
9 a 12 anos	25 Julho a 1 de Agosto	105€
13 a 16 anos	8 - 15 Agosto	110€
17 a 27 anos	15 - 22 Agosto	110€

Desconto de 10€ para inscrições pagas na totalidade com, no máximo, um mês de antecedência. Desconto de 10% para irmãos a partir do segundo.
Famílias: 25€ adulto e 05€ criança até 12 anos. A partir de quatro elementos do família os tem 50% desconto (dele nome).

ESCRITÓRIO SUL: Tel./Fax: 212 744 008 Tel. 936 539 001 E-mail: geral@uniaobiblica.com
ESCRITÓRIO NORTE: Tel. 860 037 373 Email: norte@uniaobiblica.com

União Bíblica
Cristão em Cristo

**citius
altius
fortius**

**Teach
Beyond**

**english
de 2 a 8
Agosto camp**
casa juvenil são João bosco
para jovens dos 13 aos 17 anos de idade

**awesome
camp de 16 a 22
Agosto**
casa juvenil são João bosco
para jovens dos 17 aos 30 anos de idade

inscrições online:
www.teachbeyond.pt

As direcções dos acampamentos aqui publicitados estão permanentemente a avaliar a evolução da pandemia covid-19, de modo a tomarem as decisões que melhor protejam campistas e equipas de trabalho, que poderão passar pelo seu cancelamento. Apelamos a todos que estejam atentos às notícias que cada uma das direcções fará chegar às igrejas locais